

JOHAN HUIZINGA

Leopold v. Rank afirmou em 1862: "Denn nicht dazu sind uns die grossen Lehrer gegeben, um an ihren Worten festzuhalten und sie zu wiederholen: der Geist allein ist es auch in der Wissenschaft, welcher lebendig macht. Das Verdienst grosser Werke beruht darauf, dass sie neue Bahnen weisen und sie mit Erfolg einschlagen. Sie beruhen auf dem Besitz der erworbenen Gelehrsamkeit, aber indem sie die Grundlagen untersuchen und frueher vergessene Momente zur Anschauung bringen, geben sie dem untersuchenden Geist eine Richtung auf umfassendere Wahrheit und tiefere Erkenntnis des Gegenstandes. (Pois não foi para que nós nos prendêssemos às suas palavras e as repetíssemos, que nos foram dados os grandes mestres. E' o espírito sózinho, também nas ciências, que vivifica. O mérito das grandes obras fundamenta-se na indicação de novos rumos, que elas seguem independientemente e coroadas do melhor sucesso. Baseiam-se em conhecimento adquirido, mas ao examinar as suas fontes e discutir assuntos anteriormente esquecidos, proporcionam ao espírito perscrutador a visão de uma verdade mais complexa e mais profundo conhecimento do assunto em si). E é no sentido de Ranke que aqui queremos esboçar algumas considerações sôbre o grande escritor holandês Johan Huizinga, falecido em 1945. Se bem que citado freqüentemente por seu *Herstijj der Middeleeuwen* (1919) que no Brasil pode ser lido nas traduções francesa (*Le Déclin du Moyen-Âge*) e espanhola (*el Otoño de la Edad Media*) ou então pelo *Homo Ludens, proeve cener bepaling van het spelelemente der cultuur* (Homo Ludens, o Jôgo como elemento da História), continuam as obras de Huizinga a não obter de estudiosos e diletantes a atenção que merecem. Huizinga é um historiador no sentido mais amplo, quer dizer um crítico da cultura. Em mais de 150 obras percorreu o caminho extenso, desde estudioso especializado em assuntos indianos, até de historiador mais profundo que o Ocidente apresentou nesses últimos anos.

Não é possível abranger em poucas linhas tôdas as facetas da investigação e dos ensinamentos de Johan Huizinga, mas desejamos aqui esboçar brevemente a sua grande obra de crítico da cultura, daquilo que os alemães chamam de *Kulturhistoriker*. Aos 41 anos foi designado para a cátedra de História Universal e Geografia Histórica de Leiden, uma das mais antigas universidades ho-

landesas, após ter ocupado durante 9 anos cátedra semelhante na Universidade de Groningen. E foi nos primeiros anos de sua atividade de Leiden que Huizinga publica sua obra monumental: *O Outono da Idade Média*.

Se êste livro, em sua primeira concepção, deveria apenas narrar a história da Burgúndia, veio a ser mais tarde uma obra em que está generalizada a idéia central de Huizinga: “O fim da Idade Média não é a alvorada de uma éra nova, é — isto sim — o crepúsculo de uma época passada”. Esta opinião, que deveria derramar luz nova sôbre o caráter dos XIV e XV séculos na França e nos Países-Baixos, tornou-se o *leitmotiv* da obra e do pensamento histórico de Huizinga.

Especialmente interessante é considerar que Huizinga hauria êsses novos conhecimentos “da arte medieval”, e em particular da arte de van Eyck e seus contemporâneos. Isto é a evidência de como se distanciavam os sentimentos de Huizinga das opiniões então dominantes na história da arte, que na expressão artística daquêle tempo julgava ver o início de uma renascença nórdica.

Huizinga trata no seu *Outono da Idade Média* da mesma época na Burgúndia, que Jacob Burckhardt analisou em sua *Cultura da Renascença na Itália*. Mas como são diferentes as duas concepções! Não apenas pelo fato de Huizinga, como o mais moço, considerar sob ângulo diverso a relação entre a Idade Média e a Renascença, sem levar em consideração a forma política do estado, interessando-se principalmente pela arte e pela literatura! Aquilo que, mais que tudo isto, separa os dois grandes autores, é a profunda diferença e divergência quanto ao sentimento da época e da própria vida. Burckhardt esboça uma sociedade que, potente, procura elevar-se, Huizinga uma cultura tardia e apurada, cujo espírito se afasta da verdade crua para refugiar-se em um mundo de esplendorosa fantasia. Em época em que a Europa já tinha tomado consciência de outro porvir, continua a sociedade aristocrática da Burgúndia, em estilização completa, a desempenhar o seu jôgo dos ideais medievais de cavaleiro e santo, de amor e asceticismo. Mas ao som dêste jôgo tornam-se perceptíveis as notas agudas da verdade, transformando tudo em dissonância violenta. Daí a atmosfera de outono, que paira sôbre tôda a época, e que o leitor encontra já no título da obra.

Mas um livro tão fora do comum não é imediatamente compreendido. Quem nele procurar a história cultural da Burgúndia, fica tão decepcionado quanto aquêle que pretende ver o trabalho verdadeiro do historiador na descrição pura e simples dos acontecimentos. Trata-se do marco fundamental da descrição histórico-cultural européia, e foi o *Outono da Idade Média*, que espalhou a fama do historiador de Leiden.

Êste espírito gigantesco não poderia permanecer imóvel perante a evolução histórica de seu próprio tempo. Ainda em seus

primeiros anos de professor em Leiden, concomitante com seu trabalho sobre a Idade Média, começaram a exercer influência notável sobre Huizinga as questões da vida espiritual americana, e assim publica já em 1918 seu *Mensch en menigte in Amerika* (O homem e a massa popular na América). Quando Huizinga escreveu este livro, ainda não havia tomado contacto pessoal com os Estados Unidos da América do Norte, mas apesar disto dava tão exata e profunda apreciação sobre esse gigantesco país, que um crítico da época afirmou que “através de suas páginas sente-se a essência do espírito americano”. Seu segundo livro sobre os Estados Unidos, *Amerika, levend en denkend* (Vida e pensamento na América) fundamenta-se em experiência pessoal, é o diário de sua viagem aos Estados Unidos em 1926. E esta viagem permitiu-lhe não apenas travar contacto direto com historiadores norte-americanos, mas Huizinga conheceu também os mais destacados economistas, sociólogos e psicólogos *yankees*. E’ assim que afirma em seus *Wege der Kulturgeschichte* (Caminhos da História da Cultura): “Há algo de brilhante e comovente na lembrança dessas gentilezas simples e alegres, dessa benevolência claramente expressa, dessa falta de fingimento, pose e convencimento. A representação do indivíduo submerge na recordação da generalidade, como árvores no murmúrio de uma floresta”. Mas apesar desta aceitação, aparentemente ilimitada, do *modus vivendi* norte-americano, sentiu-se este grande holandês, representante da talvez última geração especificamente européia, chocado pela posição anti-histórica e anti-metafísica do espírito médio estadunidense, declarando “preferir habitar nos territórios dominados pelas exteriorizações da loucura e do temor da cultura antiga, do que na “terra prometida” da perfeição social.

E é assim que o eminente crítico da cultura, Johan Huizinga, abrange os terrenos e as épocas mais diversas, mas sempre domina e encanta, porque a sua crítica é objetiva e construtiva. Quer fale da Idade Média ou de nossa irritada e debilitada atualidade, encontra sempre uma palavra satisfatória, uma explicação precisa, um expediente capaz de provocar uma mudança salutar. Assim, são muito bem escolhidas as palavras de Gabriel Hanotaux:

“M. Huizinga nous tient toujours en son laboratoire; et nous assistons, par l’analyse des infiments petits, à une reconstitution après dissection.”

ERWIN THEODOR ROSENTHAL

Licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; doutor em Letras.